

Espiritualidade do presbítero diocesano secular

Introdução:

Interesse crescente pelo tema e sua delimitação

Têm-se multiplicado entre nós, à semelhança do que acontece n'alguns países, as iniciativas e os estudos que visam identificar e configurar a espiritualidade do presbítero diocesano secular, e outras estão anunciadas para realização próxima*.

Esta multiplicação revela um crescente interesse eclesial pela referida espiritualidade, interesse que fica a dever-se à necessidade de colmatar lacunas, de fazer desabrochar gérmes e de corresponder a expectativas e apelos de quem busca o sentido da vida e procura a plenitude das experiências parcelares que vai fazendo.

a) Lacunas a colmatar

São várias e plurifacetadas as lacunas existentes na identificação e configuração da espiritualidade do presbítero diocesano

* Sirva de exemplo a realização da Semana de Estudos sobre a Espiritualidade do Padre Diocesano, levado a efeito pelas Equipas Educadoras dos Seminários, em 1983, na Praia de Mira; os cursos e retiros centrados na temática «Identidade e Espiritualidade do Presbítero na Igreja de hoje», e promovidos pelo Movimento por um Mundo Melhor nos anos de 1989, 1991 e 1993; as assembleias e encontros efectuados por dioceses como Lisboa, Funchal, Aveiro... para debater o ministério presbiteral como fonte de santidade; o estudo, em numerosos círculos, do Lineamento do Sínodo Episcopal de 1990 e da Exortação pós-Sinodal «Pastores dabo Vobis», de João Paulo II; a publicação de mensagens ao clero e das Normas Fundamentais para a formação sacerdotal pela Conferência Episcopal Portuguesa; e ainda a divulgação de alguns textos em revistas como a Espiritualidade (Padres Carmelitas) e a Lumen 10 (1991) e 4 (1992); o documento de trabalho e o programa do anunciado Simpósio sobre «Padres para este tempo» a realizar em Setembro de 1993 e as que se referem ao próximo ano pastoral do Sínodo Diocesano de Aveiro (1993-94).

secular. Umas, pelo reducionismo das opções apostólicas, como as que radicalizam o serviço eclesial em prol de uma franja apenas do povo de Deus; outras, pela preferência clara e, por vezes, ostensiva de alguma dimensão do mistério cristão (será o caso de movimentos espiritualistas ou encarnacionistas); outras ainda, pela falta do núcleo central da espiritualidade do presbitério diocesano, o que dá origem a uma aproximação ora da vida monacal e religiosa, ora do estilo laical e secular.

Estas lacunas fazem suscitar a afirmação e a busca de uma espiritualidade presbiteral que seja específica, sólida e estimulante e que, felizmente, se intensifica nos nossos dias ¹.

b) Gérmenes a promover

Os gérmens a descobrir estão contidos no presbitério como realidade de base sacramental e ministério estruturante na eclesiologia de comunhão, designadamente a sua dimensão de comunidade peculiar, constituída e vitalizada pela caridade apostólica, pela missão pastoral e pelos vínculos fraternos (cf. PO 8).

A comunidade presbiteral na qual se entra pela ordenação e à qual se pertence de facto pela vivência do relacionamento interpessoal solidário e da cooperação recíproca constitui um dos campos teológicos a investigar continuamente e a valorizar cada vez mais no contexto da eclesiologia ministerial.

c) Expectativas a atender

As expectativas sentidas e os apelos formulados explicita ou implicitamente provêm da busca frenética de tantos que, cansados do vazio da vida e dos horizontes reducionistas de algumas ciências do homem e da sociedade de consumo, pretendem encontrar resposta para os anseios profundos do coração humano e para as legítimas interrogações do seu espírito.

Consequentemente, voltam-se, ainda que veladamente, para a Igreja e, nela, para os seus responsáveis primeiros, com a esperança

¹ Cf. COMISION EPISCOPAL DEL CLERO, *Espiritualidad Sacerdotal y Ministerio*, in *Espiritualidad Sacerdotal*, Congreso, Edice, Madrid 1989, p. 627.

de serem ouvidos e atendidos, como outrora os que jaziam e aguardavam às portas do Templo (cf. Act. 3, 2).

A espiritualidade presbiteral, como expressão sacramental da espiritualidade eclesial, está chamada a apontar caminhos e a dar resposta às interrogações da cultura pós-moderna, impregnada de contradições e martirizada pelo bloqueio de tantas possibilidades plenificantes.

É neste contexto amplo que se situa a reflexão sobre a espiritualidade do presbitério diocesano secular. Com ela não se pretende clarificar a fundamentação ontológica da identidade espiritual ou traçar o perfil ideal do presbitério na eclesiologia de comunhão orgânica e dinâmica, ou ainda do seu agir pastoral consequente.

O objectivo principal do presente trabalho coincide com a apresentação de alguns aspectos fundamentais da visão teológico-pastoral da espiritualidade que impregna, dá sentido e vitaliza o ministério, sendo, ao mesmo tempo seu fruto consequente e qualificado.

1. No seio da Igreja diocesana

1.1. Presbitério e Igreja diocesana

É no seio da Igreja diocesana que o presbitério se situa como órgão qualificado e estruturante.

Esta afirmação comporta elementos, com alguma novidade, que convém assumir coerentemente.

A eclesiologia emergente do Vaticano II acentua a importância da Igreja local diocesana, outras vezes designada como Igreja particular ou peculiar ².

É nela e a partir dela que historicamente se realiza a Igreja de Jesus Cristo una, santa, católica e apostólica (cf. LG 23 e CD 11).

Os termos usados para explicitar esta realidade original são de ordem teológica, não simplesmente administrativa. A Igreja universal resulta não da soma mas da comunhão das dioceses, e a Igreja local obtém-se não por fragmentação da Igreja universal mas por

² Cf. H. LEGRAND, *La Iglesia local*, in *Iniciación a la Práctica de Teología*, III/2, Ed. Cristiandad, Madrid 1985, p. 138-174.

concentração do seu mistério e concretização da sua presença missionária³.

O presbitério ocupa um lugar próprio e desempenha uma função específica no seio da Igreja diocesana. Não é mais um órgão irrelevante a par de outros facilmente dispensáveis, pois a sua origem é de base sacramental (ordenação dos seus membros feita pelo bispo), nem o simples catalizador de toda a missão da Igreja, já que todos os baptizados têm uma vocação de serviço e a comunidade cristã deve organizar-se funcionalmente para expressar e fazer crescer, por meio das suas estruturas, a comunhão e a participação que tornam possível a realização daquela vocação.

“É preciso considerar como valor espiritual do presbítero — adverte a Exortação pós-sinodal — a sua integração e dedicação a uma Igreja particular. Estas na verdade, não são motivadas apenas por razões organizativas e disciplinares. Pelo contrário, o relacionamento com o Bispo no único presbitério, a partilha da sua solicitude eclesial, a dedicação ao cuidado evangélico do Povo de Deus, nas concretas condições históricas e ambientais da Igreja particular, são elementos de que não se pode prescindir ao delinear o perfil próprio do sacerdote e da sua vida espiritual” (PDV 31).

Consequentemente, o sacerdote é chamado a amadurecer a consciência de ser membro da Igreja particular, crescendo no amor generoso para com ela e partilhando a história ou a experiência de vida desta sua Igreja nas riquezas e fragilidades que ela comporta. Cada um, unido aos outros, deve sentir-se enriquecido por esta Igreja e empenhado activamente na sua edificação (cf. PDV 74).

1.1. Fisionomia da Igreja diocesana

A fisionomia da Igreja diocesana reveste os traços e as características do povo que a constitui, das paróquias, dos organismos e movimentos da instituição eclesial, do estilo de vida e das formas

³Cf. R. BLAZQUEZ, *La Iglesia del Concilio Vaticano II*, Ed. Sigueme, Salamanca 1988, p. 122.

de serviço e de ministério dos agentes pastorais, designadamente dos diáconos, dos presbíteros e do Bispo, da presença e da acção dos cristãos na vida pública, em qualquer das suas expressões, da posse e uso dos bens.

É este conjunto, articulado de forma orgânica e dinâmica, que revela a comunhão eclesial e constitui o seu suporte visível e o seu órgão propulsor constantemente vitalizados pelo Espírito Santo.

A espiritualidade envolvente e mobilizadora é consequentemente uma espiritualidade comunitária, que se expressa e fomenta:

- . pelo amor pastoral ao Povo de Deus chamado à santidade nas condições concretas da sua história;
- . pelo diálogo que busca e promove a verdade na caridade;
- . pelo discernimento que estimula o crescimento pessoal e comunitário;
- . pela corresponsabilidade que faz dar as mãos em apoio solidário à missão;
- . pela participação orgânica e funcional que valoriza a colaboração de todos;
- . pela disponibilidade apostólica e missionária que sobrepõe o Bem Comum ao bem pessoal;
- . pela oração confiante e existencial que contempla e celebra Jesus Cristo nos acontecimentos da vida;
- . pela aceitação jubilosa da cruz das limitações que nos faz viver o absoluto de Deus;
- . pela esperança pascal que nos anima e fortalece a convicção de que, com o nosso esforço, o Espírito Santo realiza pedagogicamente a Sua obra de salvação;
- . pela evangelização missionária tanto ‘ad intra’ como ‘ad extra’, tendo em conta o contexto socio-cultural em que a Igreja diocesana se situa e de que faz parte.

É nesta Igreja diocesana que se integra o presbítero chamado à santidade como qualquer cristão, mas percorrendo caminhos que lhe são próprios.

“É necessário — insiste a Exortação ‘Pastores dabo Vobis’ — que o sacerdote tenha consciência de que o seu ‘estar numa Igreja particular’ constitui por natureza um elemento qualificante para

viver uma espiritualidade cristã. Nesse sentido, o presbítero encontra, precisamente na sua pertença e dedicação à Igreja particular, uma fonte de significados, de critérios de discernimento e acção, que configuram quer a sua missão pastoral quer a sua vida espiritual” (PDV 31).

2. Presbitério, realidade eclesial de base sacramental

2.1. Presbitério em comunhão

“Na sua verdade plena, o presbitério é um *mysterium*: de facto, é uma realidade sobrenatural porque se radica no sacramento da Ordem. Esta é a sua fonte, a sua origem. É o ‘lugar’ do seu nascimento e crescimento... A Ordem é-lhes conferida como pessoas singulares, mas são inseridas na comunhão de todo o presbitério com o Bispo.

Esta origem sacramental reflecte-se e prolonga-se no âmbito do exercício do ministério presbiteral: do *mysterium* ao *ministerium*” (PDV 74).

Consequentemente, a ordenação sacramental constitui a fonte primordial, permanente e revigorante do ministério que, pela caridade pastoral, configura o presbítero a Cristo Cabeça e Pastor da Igreja. É a ela, como acontecimento eclesial originante, que se há-de recorrer para aprofundar e valorar a realidade teológico-pastoral do presbitério.

A ordenação dá origem à unidade sacramental existente entre os três graus da ordem, gera e explicita a comunhão profunda entre todos os que a recebem. Esta comunhão é englobante de toda a pessoa e realidade eclesial: espiritual e apostólica, fraterna no estilo de vida, operativa, disciplinar e missionária. Expressa-se e potencia-se pela caridade pastoral.

2.1.1. Caridade pastoral

A caridade pastoral é a participação da própria caridade de Jesus Cristo que, feito Bom Pastor, dá sem reservas a sua vida pela humanidade (todas as pessoas e cada uma).

À semelhança de Cristo, o presbítero entrega a vida à Igreja e a todas as causas abrangidas pela realização da sua missão, dedica-

-lhe um amor total, assume as exigências e os riscos do ministério que lhe é confiado, abre-se aos horizontes universais da missão, procura respostas novas para as novas situações, e unifica as múltiplas e complexas actividades que constantemente o solicitam.

2.1.2. Relação com Jesus Cristo

O presbitério, e nele cada presbítero, realiza uma função específica em relação a Jesus Cristo — a de expressar e ‘actualizar’ o Seu serviço como Pastor e Cabeça da Igreja (cf. PDV 13). É um serviço efectivo, semelhante ao manancial da água que alimenta o rio. É um serviço próprio que não admite substitutos nem concorrentes.

Os presbíteros actuam em nome de Cristo, proclamando a todos o Evangelho sob o impulso do Espírito Santo, comunicando a única Palavra que provém dEle mesmo, apascentando o rebanho (conhecendo e amando a todos e a cada um, acompanhando e guiando, atendendo especialmente os mais necessitados, criando e organizando autênticas fraternidades), agindo em comunhão com todos, dando o ‘sim’ pleno de toda a comunidade à entrega generosa do Seu Senhor.

Deste modo exercem o ofício do Bom Pastor, personificam a Cristo Senhor, representam-no como Cabeça da Igreja que ‘vitaliza’ e fomenta o crescimento de todo o Seu corpo (cf. LG 28; PO 2, 5, 6, 12 e 13; PDV 15).

Esta dimensão cristológica ‘marca’ profundamente o presbítero e configura a espiritualidade que o caracteriza na sua matriz primordial e no seu proceder pastoral. Ser ‘instrumento vivo de Cristo Sacerdote’ comporta e exige que se viva a dimensão subjectiva da entrega redentora que na eucaristia adquire expressão sacramental e na vida diária solicitude constante.

‘Significar’ Cristo Cabeça implica viver honradamente o seguimento evangélico, convertendo-se o presbitério, e nele cada presbítero, em modelo e testemunha que precede e protege, como a nuvem no deserto da peregrinação, o Povo de Deus nos caminhos cruzados do mundo. Implica também estar disponível para servir este povo em ordem a que viva plenamente a sua vocação integral (cf. Jo 10, 10 e LG 32).

Agir como pastor através da multiplicidade de tarefas e acções (proféticas, sacramentais, de governação pastoral...) vai marcando-configurando o perfil do presbítero. Os actos ministeriais, com toda a sua carga intencional, refluem sobre o seu espírito e selam-no com determinada fisionomia ⁴.

2.1.3. Agir em nome da Igreja

Ao mesmo tempo que representa a Cristo, o presbitério-presbítero representa a Igreja, realizando e expressando o 'sim' fiel da comunidade ao seu Senhor. Este sim é dado por todo o povo que 'modelicamente' se re-encontra na actuação generosa do presbitério-presbítero. É este que expressa, estimula e coordena essa resposta. O ministério, embora tenha um carácter pessoal, exerce-se colegialmente.

O presbítero actua em nome da comunidade e como seu órgão vivificante. É em nome de todo o povo de Deus, em nome de toda a Igreja, em nome de todo o presbitério que actua cada presbítero (cf. LG 10; PO 5; PDV 16 e 17).

"Pelo facto de participar da 'unção' e da 'missão' de Cristo, ele pode prolongar na Igreja a oração, a palavra, o sacrifício e a acção salvífica do próprio Cristo. É, portanto, servidor da Igreja mistério, porque realiza os sinais sacramentais da presença de Cristo ressuscitado. É servidor de Igreja Comunhão, porque — unido ao Bispo e em estreita relação com o presbitério — constrói a unidade da comunidade eclesial na harmonia das diferentes vocações, carismas e serviços. É finalmente servidor da Igreja missão, porque faz com que a comunidade se torne anunciadora e testemunha do Evangelho" (PDV 16).

Ao actuar em nome da Igreja (dimensão eclesiológica), o presbitério-presbítero há-de manter e cultivar uma *consciência comum* em torno à visão do mundo, da própria Igreja e do ministério.

Esta consciência comum exprime-se *numa vontade comum* em ser e em construir a comunidade eclesial e, nela, o presbitério (convergência de vontades livres, processos de discernimento e de

⁴ Cf. COMISION EPISCOPAL DEL CLERO, *Espiritualidad Sacerdotal*, p. 636.

purificação da consciência, ascese comunitária, capacidade de se sacrificar pelos outros para que se unifiquem em torno ao Bem Comum). A vontade comum suscita-se e potencia-se por meio de *objectivos comuns* (todos querem a mesma coisa, têm um propósito que faz convergir e unificar a vontade de cada um, vivem uma intenção que preside ao agir de toda a comunidade e a mantém em tensão constante para procurar sempre o melhor).

Tudo isto comporta itinerários de oração e reflexão, de discernimento e de purificação, de tomada de decisões e de implementação das mesmas ⁵.

2.1.4. Envio em missão no mundo

À semelhança de Jesus Cristo, a Igreja e nela os presbíteros são enviados ao mundo para que este se salve (cf. Jo 3, 16 e 17). Este envio em missão constitui uma das características mais vincadas da espiritualidade presbiteral.

Ser enviado ao mundo é assumir a missão que plenifica o que já é bom, reconhecer e apoiar o que as pessoas e suas associações vão fazendo de positivo, anunciar horizontes novos a todas as limitações e situações precárias, realizar sempre, por formas evangélicas viáveis e plausíveis, o compromisso transformador e denunciar os desvios e atentados contra a vocação do homem à plenitude.

O presbítero encontra a sua identidade na tensão para com o mundo inscrita no destino universal do Evangelho e na relação singular com a comunidade, que lhe provém do compromisso e do dom de conservar na comunidade a sua tensão apostólica e a sua fidelidade à mensagem apostólica (Dianich).

A missão comporta também o amor ao mundo e gera um *estilo secular* de espiritualidade. O 'interesse' do presbítero pelo mundo radica na vontade comprometida de 'activar' a realização dos valores do Reino e não nos resultados da acção pastoral. É necessário cultivar o amor ao mundo como graça da missão ⁶.

"Da nossa parte — exorta João Paulo II —, devemos, por isso, abrir-nos o mais possível à superior iluminação do

⁵ Cf. GRUPPO PROMOTORE ITALIANO DEL MOVIMENTO PER UN MONDO MIGLIORE, *Quale Presbitero per quale Chiesa?*, Roma, dossier s. d., p. 14-16.

⁶ Cf. *ibidem*, p. 639.

Espírito Santo, para descobrir as orientações da sociedade contemporânea; reconhecer as necessidades espirituais mais profundas, determinar as tarefas concretas mais importantes, os métodos pastorais a adoptar, e, assim, responder de modo adequado às expectativas humanas” (PDV 5).

2.2 Presbitério, comunidade ministerial

“Em virtude da sua própria natureza, o ministério da Ordem só pode ser exercido na medida em que o presbítero estiver unido a Cristo mediante a inserção sacramental na ordem presbiteral e, por conseguinte, se encontrar em comunhão hierárquica com o próprio Bispo. Esse ministério tem uma radical ‘forma comunitária’ e só pode ser assumido como ‘obra colectiva’ (...).

O ministério dos presbíteros é, antes de mais, comunhão e colaboração responsável e necessária no ministério do Bispo, na solicitude pela Igreja universal e por cada Igreja particular para cujo serviço eles constituem, juntamente com o Bispo, um único presbitério” (PDV 17).

O presbitério-comunhão expressa-se e vivifica-se pelo presbitério-missão. Esta constitui o rosto credenciado, dinâmico e operativo d’aquela.

A missão do presbitério surge como obra colectiva e forma comunitária do ministério, colaboração responsável e necessária na função do bispo, serviço propulsor da solicitude eclesial. Revela assim a sua realidade profunda e constrói-se como comunidade ministerial.

Como comunidade, fomenta e vive, de modo peculiar, o relacionamento interpessoal dos seus membros, a cooperação solidária e fraterna na prossecução dos objectivos comuns, além de, como se refere no nº anterior, possuir uma consciência comum expressa num querer assumido e concretizada num plano operativo.

2.2.1. Relacionamento interpessoal autêntico

De todos estes elementos, destaca-se agora apenas o relacionamento interpessoal e autêntico.

Na Igreja, a relação humana constitui o único ‘espaço’ para o encontro e o relacionamento divinos. É nela que Deus se acolhe, se ouve, se pode servir, se comunica e desta forma realiza o diálogo da salvação. É ela, pelo modo como é vivida e estimulada, que constitui a originalidade cristã mais específica — o amor fraterno, a solidariedade constante, a atenção mútua desvelada, a escuta atenta... porque tudo o que fizestes uns aos outros “foi a Mim que o fizestes” (Mt. 25, 40).

É ela que caracteriza o cristão-bispo, o cristão-presbítero, o cristão-religioso e o cristão-leigo.

A relação humana constitui um dos traços fundamentais da espiritualidade cristã e consequentemente diocesana e sacerdotal. A nossa santidade e espiritualidade são sobretudo relação com Deus, presente e actuante nos outros, com os outros e pelos outros, para que circule em nós o amor que Ele nos tem.

As relações mútuas no presbitério supõem pessoas amadurecidas psicológica e espiritualmente. A qualidade da relação depende da maturidade pessoal.

Estas relações, além de efectivas e pastorais, são sacramentais.

Isto quer dizer:

a) Que, ao serem *affectivas*, têm em conta os sentimentos, as acções e as necessidades da vida psíquica, o temperamento e o coração, as opções de vida e os centros de interesse, a unificação pessoal e a felicidade prosseguida; e que da *affectividade* depende a experiência de satisfação conseguida, da saúde vivenciada, da ‘utilidade’ da própria vida, da capacidade de entrega altruista, da alegria serena e testemunhante, da abertura a valores transcendentais, da ‘epifania’ de Deus em nós e por nós.

b) Que ao serem *pastorais*, se expressam e fomentam pela comunhão mútua na actividade ministerial, dando ao ministério dos sacerdotes um horizonte mais vasto — o da Igreja universal e ao do Bispo um realismo e uma inserção apostólica que provém da tonalidade presbiteral; que vivificam e dão sentido à solidariedade na acção, mesmo que haja divergências de opinião, sabendo fazer das diferenças um estímulo à missão, valorizando-as e ‘limando-as’ naquilo que seja indispensável ao bem comum eclesial; que circulam na pastoral de conjunto e potenciam as suas realizações ao serviço de um povo concreto, para que este dê resposta à santidade a que

Deus o chama, por meio de itinerários de fé, da construção de comunidades, da distribuição de funções, da superação de limites... em ordem a alcançar objectivos comuns.

c) Que ao serem *sacramentais*, supõem e perpassam nas dimensões anteriores (a graça conta e valoriza a natureza), assumindo-as como sinais vivos e expressões qualificadas e tornando-as selo e garantia da sua autenticidade e profundidade.

Consequentemente, o presbítero é um ser em comunhão, em solidariedade e em corresponsabilidade, por exigência da sua vocação social a ser homem e do ministério eclesial que recebe de Cristo pela imposição das mãos do bispo.

Ninguém é padre sozinho nem simplesmente para si mesmo.

Esta exigência de comunhão solidária e corresponsável é de base sacramental, e agir em contrário nega ou limita a própria realidade do sacramento. É-se padre na e com a Igreja católica, que se realiza concretamente na Igreja diocesana, com o povo confiado aos cuidados de um bispo para ser apascentado com o auxílio dos presbíteros e dos diáconos ou de quem for reconhecido ou instituído nas correspondentes funções.

2.2.2. Exercício do ministério

No seio da Igreja diocesana e ao seu serviço está o ministério sacerdotal. É um ministério que gera, expressa e promove o conjunto do ministério eclesial por meio do serviço-ofício profético, sacerdotal e real. Concretiza assim e prolonga no tempo a missão de Jesus Cristo, o SERVO por excelência, que faz do serviço por amor o distintivo dos seus discípulos (cf. Jo 13, 12-17).

Convém, por isso, “analisar as condições e as exigências, as modalidades e os frutos do íntimo relacionamento que existe entre a vida espiritual do sacerdote e o exercício do seu tríplice ministério: da Palavra, dos Sacramentos e do serviço da Caridade” (PDV 26).

a) O ministério da Palavra marca profundamente o presbítero, estruturando-o *como homem da Palavra*. Isto significa que, para ser ministro da Palavra, ele tem de saber ser discípulo que escuta e cumpre a Palavra à maneira dos profetas e das testemunhas, tem que a reflectir e contemplar profundamente, tem que procurar formas adequadas para a transmitir fielmente aos homens de hoje.

A transmissão da Palavra, nas suas diversas modalidades, assinala a vida espiritual do sacerdote com a cruz da incompreensão e da indiferença dos ouvintes e constitui uma das principais ‘fontes’ de santidade.

b) O ministério litúrgico, sobretudo eucarístico, revela e constrói, de modo peculiar, a identificação do presbítero com Jesus Cristo. Por ele, o sacerdote vive os sentimentos e a disposição radical de Quem se faz corpo entregue e sangue derramado por um mundo novo.

Esta identificação progressiva é fruto e factor de procura constante, de oração assídua, de contemplação alegre e serena de Jesus Cristo que, por gestos sacramentais, torna visível e acessível o encontro conosco.

A progressividade faz desenvolver e enraizar a aptidão para o seguimento dócil e generoso, a capacidade de comunicar a experiência de discípulo e de acolher a dos outros.

c) O ministério do governo pastoral consiste em ‘conduzir’ a comunidade à maneira do Bom Pastor (cf. Jo 10, 1-10).

Conduzir a comunidade exige espírito evangélico de serviço e métodos de participação efectiva; supõe atenção delicada aos carismas que o Espírito suscita e processos de discernimento e de integração; expressa-se na ‘preocupação inquieta’, na liberdade criativa, na purificação das motivações ‘carnais’, na vocação conciliadora, na paciência confiante e no amor estimulante à unidade. Comporta sempre o exercício da autoridade no seio da comunidade responsável.

Este exercício implica uma ascese que perpassa em toda a vida espiritual do sacerdote e lhe abre continuamente horizontes de cruz pascal.

“Neste sentido, no exercício do ministério está profundamente comprometida a pessoa consciente, livre e responsável do sacerdote. O vínculo a Jesus Cristo, que a configuração e a consagração do sacramento da Ordem asseguram, fundamenta e exige no sacerdote uma ulterior conexão que lhe é proporcionada pela ‘intenção’ ou seja, pela vontade consciente e livre de fazer, mediante o gesto ministerial, aquilo que é intenção da Igreja. Uma tal ligação tende, pela sua própria natureza, a tornar-se o mais ampla

e profunda possível, implicando a mente, os sentidos, a vida, ou seja, uma série de disposições morais e espirituais correspondentes aos gestos ministeriais do padre” (PDV 25).

3. Ritmo bio-psicológico-espiritual do presbítero e uso de meios adequados

3.1. Ritmo pessoal

No seio da Igreja diocesana, como membro integrante do presbitério, vive cada um o seu ritmo pessoal, procurando dar resposta à santidade a que Deus o chama em comunidade.

Este ritmo é marcado pelos elementos que constituem a identidade profunda (temperamento, carácter e personalidade), pelo esforço generoso que colabora com a graça divina em ordem a chegar sempre mais longe, e pelo apoio estimulante dos condicionamentos exteriores (cf. Requisitos indispensáveis).

Deste modo, pode o presbítero viver a almejada maturidade que a Igreja descreve, em consonância com as ciências psicológicas, com termos de estabilidade de carácter, de capacidade de tomar decisões, de formular juízos rectos acerca dos acontecimentos e dos tempos. Além destas, o texto conciliar lembra a fortaleza de espírito, a sinceridade de alma, a constante solicitude pela justiça, a fidelidade aos compromissos, a delicadeza de trato, a linguagem modesta e caridosa, o saber usar a disciplina pessoal para conseguir o auto-domínio, o orientar-se pessoalmente na vida, o agir de modo espontâneo e responsável, o uso sábio da liberdade e a colaboração generosa (cf. OT 11 e CDC, can. 1051).

O processo de crescimento espiritual supõe a atenção delicada a pontos irrenunciáveis. Destacam-se apenas alguns com a certeza de que muitos outros, conforme as situações e as circunstâncias, são igualmente importantes.

. O presbítero é, como qualquer pessoa, um ser em processo. Como tal, convém que aprecie sempre os passos que vai dando e nunca se instale, que descubra um mais além na sua caminhada, atraente e mobilizador, que viva animado pela esperança activa e conte com apoios incentivadores.

. Elemento chave deste processo é o momento da identidade pessoal 'completa', que integra a opção fundamental, o projecto de vida, a experiência fundante, e que se vive sob a forma de experiência de uma unidade progressiva⁷.

Este ponto de partida exclui toda a ambiguidade e abre horizontes de integração harmoniosa aos novos elementos que surjam nas diversas fases do processo.

. A necessidade de manter a consistência psico-social da pessoa do presbítero ao longo da sua vida é outra constante a atender. Esta consistência supõe uma relação de acerto entre as necessidades conscientes ou subconscientes, os valores vocacionais e de ministério, e as atitudes coerentes e consequentes. De contrário, torna-se impossível qualquer processo de maturação.

. O amor é o dinamismo propulsor e o fio condutor de toda a vida humana e cristã. Também o presbítero está chamado a cultivar o amor e, nele, a afectividade com toda a sua riqueza, assumindo generosamente a disponibilidade para a missão universal e outras exigências do Reino, designadamente a opção pelos empobrecidos e marginalizados socialmente.

. As crises têm o seu lugar neste processo e podem ser de grande utilidade para o crescimento desejado. Constituem momentos fortes de desafio que, aproveitados convenientemente, ajudam a superar a fase vivida e a alcançar a situação emergente⁸.

Envolvido e actuante neste ritmo pessoal está o Espírito Santificador que não cessa de nos fazer descobrir, apreciar e viver a verdade de nós mesmos e, assim, nos encaminhar para a Verdade plena.

“Sim, o Espírito do Senhor é o grande protagonista da nossa vida espiritual. Ele cria o ‘coração novo, anima-o e guia-o com a ‘nova’ lei da caridade, da caridade pastoral. No desenvolvimento da vida espiritual, é fundamental a consciência de que nunca falta ao sacerdote a graça do Espírito

⁷ Cf. S. GAMARRA, *El proceso pedagógico en la espiritualidad sacerdotal*, in *Espiritualidad Sacerdotal y Ministerio*, p. 244.

⁸ *Ibidem*.

Santo, como dom totalmente gratuito e tarefa responsabilizadora. A consciência do dom infunde e sustém a inabalável confiança do padre nas dificuldades, nas tentações, nas fraquezas que se encontram no seu caminho espiritual” (PDV 33-34).

3.2. Meios adequados

3.2.1. Função e exigência dos meios

A espiritualidade expressa-se e fomenta-se pelos meios correspondentes; de contrário, reduzir-se-ia a simples intencionalidade, deixaria de ser realista, tornando-se evasiva e a-histórica, e deformaria a própria pessoa do presbítero e, nela, do presbitério e da Igreja diocesana.

Consequentemente, os meios a usar não-de estar situados no contexto socio-cultural que vivemos, inspirar-se na identidade presbiteral e torná-la transparente, ser veículo adequado de um projecto antropológico assumido e da progressividade da sua realização, basear-se numa experiência teologal fundante que sempre dará sentido aos meios preferidos, resultar da prática do discernimento que procura lucidamente o melhor (expressão da vontade de Deus) e salvaguarda intransigentemente a pessoa, proporcionar a fruição da experiência feita e valorizar a relação da pessoa com a comunidade⁹.

3.2.2. Importância dos meios comunitários

Os meios comunitários adquirem hoje relevo especial pelos valores que comportam, designadamente por:

- . serem ponto de referência e servirem de confronto à pessoa que se abre demais e solidariza com a sua causa;
- . tornarem presente a dimensão comunitária da vida, da vocação e da missão;
- . ajudarem a superar o protagonismo individual na vida espiritual e a viver a gratuidade recíproca da relação fraterna;

⁹ *Ibidem*, p. 251 e 252.

. proporcionarem o ‘deixar-se levar’ pelos irmãos — única atitude confiante em certos momentos da vida;

. favorecerem a aquisição sapiencial dos valores provenientes da repetição e do aprofundamento, valores estes que constituem uma garantia de fidelidade.

Dos meios comunitários que mais relevo têm para a vida e missão do presbitério, destacam-se a convivência, em qualquer das suas modalidades, a inserção em comunidades eclesiais, as formas de vida em comum, a pertença a movimentos de acentuado cariz apostólico, a programação pastoral em equipa e a sua revisão periódica, as concelebrações litúrgicas, os encontros de estudo e reflexão, as equipas sacerdotais e outras modalidades de fraternidades além dos meios que se referem no n.º dedicado ao ‘presbitério, comunidade ministerial’.

A indicação destes meios tem como ‘pano de fundo’ a explicitação feita pelo Vaticano II (cf. PO 18-21), pelo Código de Direito Canónico (cf. cc. 276-282) e pela Exortação Apostólica *Dar-vos-ei Pastores* (cf. n.ºs 31, 74, 76 e 77, 80 e 81).

Qualquer um destes meios admite uma variedade grande e enriquecedora de concretizações consoante a capacidade e a preferência dos participantes e as orientações do magistério eclesial.

“Para que a abundância dos dons do Espírito seja acolhida na alegria e feita frutificar para glória de Deus e para o bem da Igreja inteira, exige-se da parte de todos, em primeiro lugar, o conhecimento e o discernimento dos carismas próprios e de outrem, e o seu exercício sempre acompanhado pela humildade cristã, pela coragem da autocrítica, pela intenção, predominante sobre qualquer outra preocupação, de contribuir para a edificação da inteira comunidade, a cujo serviço está posto todo e qualquer carisma particular. Requer-se, portanto, de todos um sincero esforço de recíproca estima, de mútuo respeito e de coordenada valorização de todas as positivas e legítimas diversidades presentes no presbitério. Tudo isto faz parte também da vida espiritual e da contínua ascese do sacerdote” (PDV 31).

Nesta variedade, que sempre se deve valorizar como expressão dos dons do Espírito Santo e das necessidades humanas, a Igreja destaca a ajuda que “pode ser dada pelas associações sacerdotais, em particular pelos institutos seculares sacerdotais que apresentam como nota específica a diocesaneidade, por força da qual os sacerdotes se unem mais ao bispo”... (PDV 81).

3.3.3. Meios privados

Além dos meios comunitários, há os meios privados que se revelam úteis de acordo com as exigências de cada um. Sirvam de exemplo a oração pessoal, as devoções, certas formas de ascese e regras de vida, retiros e experiências de deserto, direcção e acompanhamento espirituais.

4. Requisitos e condicionamentos

Para possibilitar a realização da espiritualidade presbiteral no seio da Igreja diocesana são indispensáveis alguns requisitos e algumas exigências condicionantes. Enumeram-se as que parecem principais para a nossa situação.

4.1. Uma teologia equilibrada e englobante do ministério

“Há que compaginar a fraternidade e a responsabilidade do ministério; a ‘representatio Christi’ e a ‘representatio ecclesiae’; a autoridade e o serviço; ser sacramento e ter umas funções na comunidade; o ‘todos’ e ‘alguns’ da estrutura da Igreja; igualdade e diversificação em virtude dos carismas”¹⁰.

4.2. O cultivo directo e explícito da caridade pastoral

Este cultivo torna-se especialmente necessário pois a caridade pastoral ainda não foi objecto de um tratamento sistemático teológico e espiritual, apesar de surgir como princípio interior dinâmico capaz

¹⁰S. GAMARRA, *Lineas de convergencia en la espiritualidad del presbítero*, in *Espiritualidad del presbítero diocesano secular*, Edice, Madrid 1987, 684.

de unificar a vida do sacerdote, como exigência do relacionamento pessoal com o presbitério unido ao Bispo e com o Bispo, como entrega do presbítero ao bem universal, como dom permanente de si mesmo à Igreja, como fonte, critério, medida, impulso de amor e de serviço (cf. PDV 23).

“A mesma caridade pastoral impele o presbítero a conhecer as esperanças, as necessidades, os problemas, as sensibilidades dos destinatários do seu ministério, destinatários envolvidos nas suas concretas situações pessoais, familiares e sociais” (PDV 70).

4.3. A prática pastoral ‘impregnada de espírito’.

Viver o que se faz como ministério eclesial confiado por Cristo supõe e exige um espírito de sintonia afectiva e efectiva constante. Mais em concreto, é preciso atender à preparação do que se realiza e às motivações concomitantes à realização, e proceder de forma disciplinada e metódica à revisão periódica do que efectivamente se realizou.

Deste modo, se manterá a prática pastoral com espírito, sem purismos rigoristas, nem pretensões de protagonismos, atitudes intransigentes e perfeccionistas; mas com fidelidade crescente, sentido comunitário, responsabilidade e competência que tomarão possível uma experiência gratificante do ministério.

4.4. O exercício do ministério em condições saudáveis

A sintonia do espírito está muitas vezes condicionada pelas circunstâncias concretas em que o ministério se desenvolve. Convém atender cuidadosamente a estas circunstâncias, se se pretende promover uma espiritualidade sadia, eclesial, secular, cristificante, pastoral.

Citam-se algumas a título meramente indicativo: Sobrecarga de acção e ansiedade crescente, que reclamam ‘áreas de descanso’, moderação prudente e sábia, ou mudança de funções; desocupação e insuficiência de trabalho que provocam uma diluição da identidade e se repercutem na espiritualidade, exigindo por consequência decisões acertadas que proporcionem a realização saudável do

ministério; a falta de adaptação prolongada que vai minando a moral de serviço e dá azo à busca de 'dedicações compensatórias' e impede a experiência estimulante da missão presbiteral, sendo necessário colmatá-la rapidamente; a situação pessoal do presbítero, seu ritmo bio-psicológico-espiritual, sua relação com a família, com o presbitério e com o bispo, suas crises afectivas ou outras. Estes factos constituem autênticos condicionamentos que propiciam ou dificultam muito a experiência espiritual do ministério.

“Promover a ‘saúde integral’ do clero é um óptimo investimento pastoral. A alegria dos presbíteros, a qualidade do ministério e o vigor das comunidades são os seus primeiros beneficiários”¹¹.

Nesse sentido, podem ser elaboradas propostas programáticas para os encontros sacerdotais, nas suas diversíssimas modalidades, para os itinerários de formação dos presbíteros e integração dos novos padres, para o crescimento do presbitério como comunidade ministerial (cf. PDV 74, 75 e 80).

Em resumo, a comunidade presbiteral, como qualquer comunidade, necessita de ser continuamente promovida, tendo sempre em conta a situação concreta em que vivem os seus membros e o ideal querido e sonhado da globalidade.

No seio do presbitério, encontrará cada presbítero a sua identidade e a sua espiritualidade, que revigoram os traços humanos já definitórios da personalidade de cada um na sociedade e no mundo.

5. Serviço inestimável ao mundo

O ministério do presbítero está ao serviço da espiritualidade (busca de sentido para a vida nos seus múltiplos aspectos e dimensões) de que o mundo tem necessidade e se expressa de tantas maneiras (cf. GS 9 e 10).

O mundo está numa situação nova que exige uma adequada espiritualidade que, como acabámos de ver, passa pela configuração da espiritualidade presbiteral.

“As pessoas têm necessidade de sair do anonimato e do medo, precisam de ser conhecidas e chamadas pelo nome, de caminhar seguras na estrada da vida, de serem encontradas se se perderem, de serem amadas, de receberem a salvação como supremo dom do amor de Deus: é isto, precisamente, o que faz Jesus, o Bom Pastor. Ele e os presbíteros com Ele” (PDV 82).

GEORGINO ROCHA

¹¹ Cf. COMISION EPISCOPAL DEL CLERO, *Espiritualidad Sacerdotal*, p. 655.